

CAPÍTULO 13

ECONOMIA CRIATIVA: ESTUDO DOS ASPECTOS CULTURAIS DA REGIÃO CARBONÍFERA COMO FOMENTO PARA A ECONOMIA LOCAL*Josiane Rodrigues Camucce***Resumo**

Este estudo destaca a Economia Criativa: estudo dos aspectos culturais da Região Carbonífera como fomento para a economia local, por entender que todas as regiões têm um potencial de desenvolvimento e sustentabilidade. A Região Carbonífera do Rio Grande do Sul tem seu legado histórico de desenvolvimento à base do charque e do carvão como valor cultural a ser explorado. Nesse sentido, levanta-se a questão: “Como desenvolver de forma local e sustentável a região Carbonífera a partir de princípios de economia criativa?” A partir daí, elegeram-se como objetivos: realizar a abordagem histórica e econômica da região Carbonífera, e efetuar pesquisa de ações inovadoras e caminhos de desenvolvimento; além de acompanhar iniciativas desenvolvidas por agentes e associações locais em políticas públicas para desenvolvimento da Carborregião. Para atender a esses objetivos, esse estudo aplicou uma pesquisa de cunho exploratório, com embasamento bibliográfico e com abordagem qualitativa, tendo como fins procedimentais: entrevista com agentes políticos e culturais da Região Carbonífera. Sendo assim, através deste pode-se analisar o potencial de exploração da economia criativa nessa região, no sentido de que havendo valorização da história local e despertando a capacidade das pessoas, conclui-se que é possível transformar realidades através de iniciativas atreladas às políticas públicas que fomentem economias regionais.

Palavras-chave: Economia Criativa. Desenvolvimento. Gestão Pública.

Introdução

A Economia Criativa envolve os aspectos sociais, culturais, históricos, os valores e práticas criativas de uma determinada região, cidade, bairro, rua, localidade, etc. Consiste na apropriação de uma identidade local que faz com

que aquilo que é desenvolvido em determinado espaço seja único e faz com que se explore economicamente uma cadeia produtiva em torno daquilo que se é realizado (por exemplo: festejos, gincanas, rodeios, cavalgadas etc.).

De acordo com o Sebrae (2018, p.1), “Economia criativa é o conjunto de negócios baseados no capital intelectual e cultural e na criatividade que gera valor econômico”. Na gestão pública, municípios e regiões podem fomentar sua economia através dessa prática que dá ênfase aos valores locais, aos recursos naturais, à história, ao turismo, entre outros; constituindo-se de um diferencial competitivo para a região. Sendo que há regiões que possuem um potencial altamente lucrativo e cultural como, por exemplo, a Região Carbonífera do Rio Grande do Sul, onde seria possível explorar sua cultura e seu legado histórico de desenvolvimento à base do charque e do carvão.

A região Carborregião do Rio Grande do Sul tem um importante papel no desenvolvimento econômico do Estado no século XIX: suas minas de carvão abasteciam as usinas termoeletricas e garantiam o fornecimento de energia a Porto Alegre. A localização geográfica e a facilidade de navegação desenvolveram também a indústria do charque no século XIX, e tem como legado a história dos antigos tropeiros de gado e um rico patrimônio arquitetônico (RIO GRANDE DO SUL, 2018). Ainda, pode se considerar o papel importante da região na Revolução Farroupilha tendo como um dos seus mais importantes personagens da história do estado o General Bento Gonçalves que nasceu em Triunfo/RS.

Com o passar dos anos, com o advento da refrigeração, a produção de charque perdeu força, vindo essa indústria a sucumbir. Na busca de novas alternativas, com a descoberta de minas de carvão, em Arroio dos Ratos, em 1853, a região passou a fornecer o minério como principal fonte de energia

durante a 2^a Guerra Mundial. Com o surgimento da transmissão hidrelétrica, o carvão perde seu espaço e as indústrias do aço tomam seu lugar. Hoje a região Carbonífera depende quase que exclusivamente das empresas do polo petroquímico e metal mecânico, entretanto, por conta de fatores econômicos ocorridos no País nos últimos anos, alguns desses empreendimentos fecharam suas portas. Em vista disso, entende-se que uma empresa que se instala na região pode deixá-la, dependendo do seu interesse e necessidade. Sendo assim, é importante às cidades e regiões investirem também na sua própria história, na arte e cultura local e promover conjuntamente com aspecto industrial também o aspecto cultural, oportunizando ações de valorização da economia criativa.

A Região Carbonífera conta com: o Museu Estadual do Carvão, em Arroio dos Ratos; o Museu Farroupilha, em Triunfo; as Gincanas Culturais realizadas em todos os municípios da região (em datas diferentes); Rodeio Estadual de Charqueadas; Semana Farroupilha, entre outros eventos que se destacam pelo grande envolvimento da comunidade e atração de público para região. Diante disso, a pergunta de pesquisa é: “Como promover o desenvolvimento local sustentável da região Carbonífera a partir de princípios de economia criativa?”

A partir da Lei 11.771/2008 do Ministério da Cultura, tem-se o aporte normativo para a regionalização do turismo, juntamente com a Lei Estadual 13.839, que versa sobre o fomento à economia local. Assim, buscou-se analisar as práticas de fomento da economia criativa na região Carbonífera do Rio Grande do Sul através do desenvolvimento local e valorização da cultura e história regional. Especificamente, pretendeu-se analisar a abordagem histórica e econômica da região Carbonífera, cujo desenvolvimento econômico

contribuiu para o Estado no século XIX até os dias de hoje. Ainda, intentou-se pesquisar ações inovadoras e caminhos de desenvolvimento, que visam reconectar a comunidade à sua história e contribuem para o desenvolvimento econômico regional e que podem servir como inspiração de fomento da economia local; acompanhar as iniciativas que estão sendo desenvolvidas por agentes e associações locais em prol de construção de políticas públicas para o planejamento e desenvolvimento da região.

Nesse sentido, compreende-se que a economia criativa pode contribuir com o desenvolvimento sustentável de uma região, isto se dá no momento em que comunidades buscam reconhecer seu diferencial cultural e explorá-lo economicamente. Na verdade, cria-se uma rede de políticas emancipatórias, pois as pessoas que se envolvem com esta atividade são seus próprios membros, solidificando o papel da coletividade, fortalecendo os laços entre seus integrantes e a sua autoestima, financeiramente lucrativa, trazendo emprego e renda para a comunidade.

Diante disso, acredita-se que havendo valorização da história local e despertando a capacidade das pessoas, é possível transformar realidades através de iniciativas atreladas às políticas públicas que fomentem economias regionais. Nesse sentido, esse estudo aplica uma pesquisa de cunho exploratório, com embasamento bibliográfico e com abordagem qualitativa, tendo como fins procedimentais entrevista com agentes políticos e culturais da Região Carbonífera.

Revisão de literatura

Esta seção apresenta os temas concernentes ao desenvolvimento local, economia criativa, dados e informações sobre o desenvolvimento dessa prática nas regiões.

Desenvolvimento local

Conforme Cattani e Ferrarini (2010), o desenvolvimento local como meio de promoção da cidadania e sustentabilidade tem a incumbência sobretudo de ser inclusivo. As políticas públicas de cunho emancipatório são aquelas que englobam aspectos técnicos, materiais e humanos. Algumas características podem ser consideradas para que essas políticas obtenham êxito: primeiramente, estimular a participação popular em todas as etapas; em segundo lugar, os projetos devem ser considerados dentro da mesma região; e, aspectos como intersetorialidade e sustentabilidade também hão de ser explorados a fim de atender às demandas da comunidade com maior alcance de atendimento. Segundo os autores,

[...] o desenvolvimento local é uma das inúmeras alternativas ou procedimentos necessários para a superação sustentável da pobreza, a ser combinado com políticas estruturantes, políticas setoriais e compensatórias, taxações de grandes riquezas e outros mecanismos de redistribuição, geração de emprego e renda, transferência ou posse de ativos e oportunidades igualitárias (CATTANI; FERRARINI, 2010, p.166).

Assim, ao promover o desenvolvimento local, cria-se uma rede de economia solidária. França Filho (2008) conceitua essa rede de economia solidária como um arranjo de vários empreendimentos ou iniciativas com objetivo de constituir um circuito de relações econômicas, como também um espaço de

compartilhamento de ações, troca de saberes e experiências. De acordo com Cattani e Ferrarini (2010), há critérios e diretrizes que podem ser aplicados às políticas emancipatórias, que podem ser sintetizados desta forma:

- a) Participação da população em todas as etapas e não apenas na execução. O diagnóstico e o planejamento participativo propiciam à população um saber sobre si mesma que a instrumentaliza para a análise crítica da situação, para a auto-organização e para a busca permanente de soluções;
- b) territorialidade, que supõe a articulação entre políticas, programas e projetos dentro da mesma região, com vistas a otimizar os recursos, qualificar as ações e fomentar o desenvolvimento de potenciais humanos, econômicos, sociais e culturais endógenos;
- c) intersetorialidade, que possibilita a atuação a partir do reconhecimento do caráter multidimensional, tanto da pobreza, quanto das alternativas de superação. Não basta ter o pão na mesa se a família vive o drama da dependência química ou da violência; não adianta tratar a doença, se não houver segurança; não basta ter trabalho se não houver creche para os filhos, posto de saúde, nem saneamento básico. São problemas multidimensionais e exigem ações integradas;
- d) sustentabilidade, que considera a necessidade de aquisição de condições de autonomia da população ao término do Programa, permitindo-lhe prescindir dos recursos materiais e técnicos (CATTANI; FERRARINI, 2010, p.166).

Diante disso, percebe-se que a economia solidária envolve diversos atores, englobando diversos aspectos dos quais se destaca a participação popular na construção de sua cidadania, identidade e autonomia. A territorialidade versa sobre a importância de valorizar o que a região já produz e os recursos concernentes a ela. A intersetorialidade envolve a importância de envolver no planejamento das ações diversos setores, essa rede multidisciplinar oportunizará atender um maior número de indivíduos e visa envolver poder

público, iniciativa privada e entidades sociais. Todos esses elos bem unidos e estruturados convergem em sustentabilidade local, dando à comunidade autonomia e liderança de seus aspectos criativos.

Nesse sentido, Cattani e Ferrarini (2010) destacam que trabalhar o diferencial de uma região não se trata de isolamento e fechamento de uma cultura em si mesma, buscando proteger-se contra medidas do sistema dominante. Na verdade, trata-se de destacar o aspecto competitivo e criativo da diversidade cultural local com políticas estruturantes visando:

[...] a superação sustentável da pobreza, a ser combinado com políticas estruturantes, políticas setoriais e compensatórias, taxações de grandes riquezas e outros mecanismos de redistribuição, geração de emprego e renda, transferência ou posse de ativos e oportunidades igualitárias (CATTANI; FERRARINI, 2010, p.166).

Pensar em economia criativa, com vistas a desenvolvimento local, segundo Silva (2010), começa com o reconhecimento do patrimônio local presente, e a partir daí os indivíduos reconhecem o potencial inventivo, os talentos locais e desenvolvem de forma rentável os mesmos, indo além das políticas culturais, englobando outros elementos e desenvolvendo como um todo o potencial de uma região.

Economia criativa

O conceito de Economia Criativa é algo novo, surgido em decorrência das novas tecnologias e das novas relações de consumo propostas pelos novos modelos de negócio na contemporaneidade. Seu criador, John Howkins, sustenta que é justamente a relação que se dá entre a economia, a criatividade e o campo simbólico que constitui a Economia Criativa. Portanto, não há uma

definição específica sobre o termo, no entanto, o que se pode afirmar é que a ideia é relacionar economia e criatividade, possuindo como matéria-prima o capital intelectual, carregado por valores simbólicos (CHEDID, 2017).

Segundo a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2010, p.10), citado por Chedid (2017), a economia criativa constitui-se de “um conjunto de atividades econômicas baseadas no conhecimento com uma dimensão de desenvolvimento e ligações transversais a níveis macro e micro à economia global.”.

A matéria-prima da economia criativa é intelectual, com foco na criatividade para fomentar a economia, desenvolver a cultura e prospectar ações com apoio da tecnologia (SILVA, 2010). “As cidades criativas representam uma peça central no movimento do comércio em termos globais relativos à economia criativa, pois operam na dinâmica da economia, criando uma rede de cooperação e reposição de talentos em todo mundo” (DALLA COSTA; SOUZA-SANTOS, 2011, p.5).

Reis (2007) citado por Silva (2010) complementa que a variedade de definições de indústrias culturais remete uma variedade de atividades relacionadas com a criação, fabricação e comercialização, mercado de serviços de bens e produtos culturais. Nesse sentido a autora destaca que se deve atentar para as singularidades de cada região, de cada local a fim de trazer à tona a essência daquela população. Nesse sentido, Silva (2010, p.28) diz que:

A análise da economia criativa é de que cada país ou cidade deve explorar suas potencialidades e encontrar um modelo próprio de desenvolvimento, que utilize o seu potencial criativo como estratégia de desenvolvimento socioeconômico sustentável. [...] É necessário analisar a criatividade como matéria-prima em abundância.

Sendo assim, como a economia criativa trata de feitos intangíveis Valiati e Moller (2016, p.8) destacam que:

Quando falamos em termos de uma economia criativa, a discussão irá, inevitavelmente, focar nas condições que estimulam o trabalho criativo. Afinal, uma economia criativa representa trabalho criativo. Trabalho criativo requer trabalhadores criativos. Criatividade é sua força norteadora.

Um exemplo que os autores Valiati e Moller (2016) citam refere-se à música, exemplificam como algo a ser apreciado, mas difícil de apreender. De acordo com eles, a música envolve transações de todos os tipos, mas envolve outras sensações e implicações. Assim também é com o patrimônio que se estabelece através de uma apropriação de algo de valor incalculável, assim também é com conhecimento, comunidades, religião, e assim por diante. Todos esses bens adquirem valor por meio de transações econômicas, e o produto interno bruto não é capaz de contabilizar esse valor.

Mesmo que criatividade gere retorno financeiro, bens como música, roupas, filmes, livros e performances são criativos porque eles geram especialmente valor criativo. Os custos diretos de produção (pense materialmente: gastos com máquinas e trabalho) constituem apenas uma fração dos preços; pessoas pagam majoritariamente pelas imagens que elas representam, pela marca, por seus significados. O valor adicionado é em sua maioria imaginário, ou seja, está na mente das pessoas (VALIATI, MOLLER, 2016, p.8).

Outra questão levantada pelos autores trata da apropriação da comunidade da sua cultura e história. Sem uma comunidade criativa não se desenvolve economia criativa:

[...] criatividade surge em ambientes criativos. Não importa quão criativos indivíduos possam ser, seus esforços serão inúteis se eles não encontrarem o local certo para crescer. Essa é a razão pela qual economistas adotaram a noção de comunidade criativa. As

comunidades se referem a espaços compartilhados que pessoas e organizações têm acesso, uma vez que elas desenvolvem atividades de conexão e associação. A associação usual é com as comunidades que cercam vilarejos, onde os habitantes locais têm acesso, por exemplo, a outras pastagens para suas ovelhas. As comunidades criativas consistem em práticas criativas (VALIATI; MOLLER, 2016, p.8).

A respeito da criatividade, Pinheiro *et al.* (2014) esboça que embora não percebida, a criatividade, está presente em todas as pessoas. A criatividade está relacionada à percepção do mundo a sua volta, à flexibilidade, ao dinamismo e à iniciativa humana. Segundo eles, uma pessoa criativa somada a várias outras também criativas, pensando uma mesma ideia torna o projeto colaborativo e ainda com maior potencial devido a diversidade de ideias, podendo vir a surgir inovações. Criatividade é fruto de uma prática criativa compartilhada, reflexo de um ambiente criativo, mas que se não for percebido e valorizado, acaba por ser desperdiçado.

Ao eixo “criatividade”, soma-se também o aspecto da cultura. Cultura é um conceito derivado da natureza, do cultivo da terra. Ao longo dos anos, esse conceito vem sofrendo alterações, Eagleton (2003) citado por Ferreira (2017), refere que cultura transita entre naturalismo e idealismo, ou seja, a autonomia do espírito, a racionalidade e a espontaneidade. Ainda, Ferreira (2017, p.28) menciona que “ela pode ser entendida como aquilo que está a nossa volta, mas também o reflexo dentro de nós”.

O ser humano é um ser cultural, mas também faz parte da natureza que trabalha. Na atualidade, cultura está relacionada ao pluralismo, também à política e à relevância social. “A visão de cultura se distanciou da antropológica, passando a ser empregada como um instrumento de desenvolvimento econômico e valorização do capital simbólico” (FERREIRA, 2017, p.30).

Marcelo Milan descreve que a implementação de políticas públicas para o fomento das atividades culturais e criativas com objetivos de desenvolvimento socioeconômico e territorial é relativamente recente no Brasil, entretanto as criativas e culturais, são difíceis de isolar dos efeitos das políticas públicas (VALIATI; MOLLER, 2016). Diante disso, Dalla Costa e Souza-Santos (2011) expõem os benefícios da economia criativa nas comunidades: criação de empregos; inclusão social; diversidade cultural; desenvolvimento humano; fortalecimento da economia, cultura, sociedade e tecnologia; turismo; fortalecimento do sistema econômico baseada na interligação entre elementos das macro e micro economias; desenvolvimento da inovação através de políticas multidisciplinares.

De acordo com Junqueira (2018), devido ao interesse pelo tema, surgiram modelos para categorizar as atividades produtivas contempladas pela economia criativa, sendo o modelo mais usual o aplicado pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), criada em 1964, em Genebra na Suíça, composto por quatro setores-chave: “*patrimônio, artes, mídias* [impressa e audiovisual] e *criações funcionais* [design, moda, novas mídias, arquitetura, consultoria e propaganda]” (2018, p.520).

Compreende-se assim, a relação presente entre inovação, criatividade e tecnologias, atuando de forma conjunta nesse arranjo de desenvolvimento. Conforme a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro - FIRJAN (2019), que estuda o fenômeno da Economia Criativa no Brasil, aponta que a cadeia da indústria criativa está estruturada da seguinte forma:

- CONSUMO: publicidade e marketing; arquitetura; design e moda.
- CULTURA: expressões artísticas culturais; patrimônio e artes; música e artes cênicas.

- **MÍDIAS:** editorial e audiovisual.
- **TECNOLOGIA:** Pesquisa e Desenvolvimento; Biotecnologia e TIC (TI, robótica, desenvolvimento de softwares).

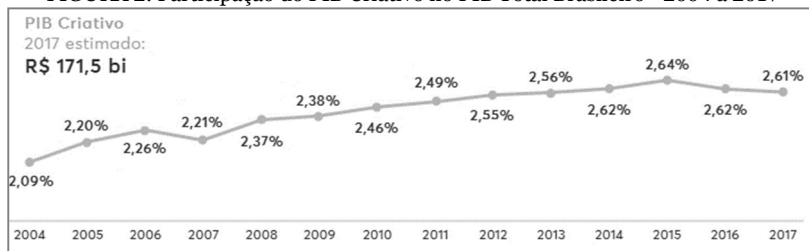
FIGURA 1: Fluxograma da Cadeia de Indústria Criativa no Brasil

Consumo	Cultura	Mídias	Tecnologia
Publicidade & Marketing: Atividades de publicidade, marketing, pesquisa de mercado e organização de eventos.	Expressões Culturais: Artesanato, folclore, gastronomia.	Editorial: Edição de livros, jornais, revistas e conteúdo digital.	P&D: Desenvolvimento experimental e pesquisa em geral exceto biologia.
Arquitetura: Design e projeto de edificações, paisagens e ambientes. Planejamento e conservação.	Patrimônio & Artes: Serviços culturais, museologia, produção cultural, patrimônio histórico.	Audiovisual: Desenvolvimento de conteúdo, distribuição, programação e transmissão.	Biotecnologia: Bioengenharia, pesquisa em biologia, atividades laboratoriais.
Design: Design gráfico, multimídia e de móveis	Música: Gravação, edição e mixagem de som; criação e interpretação musical.		TIC: Desenvolvimento de softwares, sistemas, consultoria em TI e robótica.
Moda: Desenho de roupas, acessórios e calçados e modelistas.	Artes Cênicas: Atuação; produção e direção de espetáculos teatrais e de dança.		

Fonte: FIRJAN, 2019.

Sendo que as atividades relacionadas a cada setor englobam, indústria e serviços, tais como: materiais para publicidade; impressão de livros, jornais e revistas; confecção de roupas; curtimento e preparação de couro; metalurgia de metais preciosos; instrumentos musicais; equipamentos eletrônicos; equipamentos de informática; serviços de distribuição de venda e aluguel de mídias audiovisuais; comércio varejista de moda; artesanato, entre outros setores (FIRJAN, 2019).

FIGURA 2: Participação do PIB Criativo no PIB Total Brasileiro - 2004 a 2017



Fonte: FIRJAN, 2019.

Ainda de acordo com a análise realizada pela entidade, o setor de economia criativa esteve abaixo da expectativa devido à baixa constante na economia brasileira, mas, ainda assim, vem atuando com importante destaque. A fonte cita que em “2017, o PIB Criativo totalizou R\$ 171,5 bilhões” (FIRJAN, 2019, p.10).

No Rio Grande do Sul, de modo geral, segundo informações da FIRJAN, o Estado é o 6º no ranking de projetos em economia criativa, representando 2,0% do PIB Criativo.

Região Carbonífera

A Região Carbonífera, composta por oito municípios: Arroio dos Ratos, Barão do Triunfo, Butiá, Charqueadas, General Câmara, Minas do Leão, São Jerônimo e Triunfo, tem população estimada em 152.546 habitantes (IBGE, 2018). Destes oito municípios, apenas quatro fazem parte do Mapa Turístico do Rio Grande do Sul: Arroio dos Ratos, Charqueadas, São Jerônimo e Triunfo. Ficando de fora: Barão do Triunfo, Butiá, General Câmara e Minas do Leão (BRASIL, 2016). O Mapa da Regionalização Turística (2017) é um elemento desenvolvido pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio do Grande

do Sul, como forma de demarcar espaços com potencial turístico a fim de valorizar os aspectos históricos e culturais regionais de cada macrorregião do Estado. Ainda, conforme Governo no Estado do Rio Grande do Sul através da Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer, o município de Minas de Leão, não consta inserido no mapa da Regionalização Turística de 2017 (RIO GRANDE DO SUL, 2019).

Segundo dados do Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM), que acompanha o desenvolvimento socioeconômico dos municípios brasileiros, sendo que: superiores a 0,8 consiste em alto desenvolvimento; 0,6 a 0,8 corresponde a desenvolvimento moderado; 0,4 a 0,6 desenvolvimento regular; e, abaixo de 0,4 apresenta baixo desenvolvimento. Na região Carbonífera, todos os municípios têm índices de desenvolvimento moderado, ficando entre os 0,6017 de General Câmara e os 0,7305 de Triunfo. Entende-se que a partir do desenvolvimento e fomento de ações de valorização da cultura e história local, poderia haver melhora nesses índices.

Carvão

A região Carbonífera tem seu desenvolvimento relacionado ao carvão e à indústria do charque. As reservas de carvão, originárias do período Triássico, foram descobertas nos fins do século XVIII, em 1795 pelo soldado português Vicente Wenceslau Gomes de Carvalho. Em 1826, ocorreram novas descobertas feitas por escravos na região no Arroio dos Ratos, município de São Jerônimo, no Baixo Jacuí (KOBBER, 2018).

A partir disso, o presidente provincial Sr. Luiz Vieira Sinimbu, na busca de atrair indústrias para a Província, encarregou o galês James

Johnson, conhecedor do carvão de Cardiff, a realizar novas explorações (VIANA, 2018). Os estudos foram coroados com êxito e iniciou-se a exploração do carvão; inclusive, James Johnson trouxe mineiros ingleses especializados, e, igualmente, famílias inglesas se fixaram na região (KOBBER, 2018).

Charque

A região teve seu desenvolvimento também motivado pela pecuária. As primeiras charqueadas em São Jerônimo foram estabelecidas ainda no século XVIII capitão Francisco Correia Sarafana, um fazendeiro em Arroio dos Ratos. Mais adiante, o coronel José Manoel de Leão adquiriu terras (provavelmente do capitão Sarafana), dando continuidade à produção saladeiril (nome dado à exploração das charqueadas), mantendo escravos no trabalho de salga da carne. Acredita-se que havia 80 escravos em média em cada uma das 13 charqueadas. Sabe-se que destas charqueadas quatro pertenceram à família Leão (KOBBER, 2018). Com o aparecimento de novas tecnologias de refrigeração como geladeiras e frigoríficos, as charqueadas tiveram uma redução da sua participação na economia da região (PIRES; FERNANDES, 1986 *apud* SANTOS, 2009).

Rio Jacuí

A Região Carbonífera conta com um rio navegável, o Rio Jacuí. De acordo com o relatório executivo do plano de bacia do Baixo Jacuí analisado por Werlang e Trainini (2017), no que se refere às demandas hídricas do rio

estão: abastecimento populacional e industrial; irrigação; criação e dessedentação animal. Cujas demandas de água superficial total anual estão distribuídas da seguinte forma: 92,4% para a irrigação, 4,9% para o abastecimento industrial, 1,5% para o abastecimento humano e 1,2% para as atividades de recreação e lazer.

Roteiros Turísticos

Entre seus roteiros turísticos, destacam-se as cachoeiras nas localidades de Quitéria e Morrinhos, e o rio Jacuí, que oferece praias agradáveis para os moradores e visitantes. A praia do Encontro, que fica no encontro do rio Taquari com Jacuí, no município de São Jerônimo recebe anualmente eventos como: Garota Verão, Triatlão, lançamento da temporada de verão, torneios esportivos e canoagem, entre outras atividades (PREFEITURA DE SÃO JERÔNIMO, 2015).

A Região Carbonífera também é conhecida pelos seus festejos, o turismo de eventos também atrai muitos visitantes a Região, principalmente para as festas tais como: Ovelha Fest, Festa da Melancia, bailes da comenda, rodeios, provas ligadas à cultura campeira como as gineteadas, eventos artísticos e culturais, sendo a mais popular delas as gincanas municipais. Além disso, também conta com museus que contam a sua história, os mais importantes são: o Museu do Carvão no município de Arroio dos Ratos e o Museu Farroupilha, em Triunfo (na casa onde nasceu Bento Gonçalves).

Atualmente agentes de cultura e personalidades políticas têm trabalhado via Associação dos Municípios da Região Carbonífera (Asmure) para tratar do desenvolvimento do turismo na região. A entidade tem buscado

junto ao Estado mais visibilidade para projetos tais como: “Arte e Turismo”, “Turismo de Aventura”, “Rotas Turísticas”, “Rota do Agricultor”; que visam aumentar a capacidade produtiva, cultural e artística, considerando a riqueza da região Carbonífera para a prática de canoagem, caminhadas, escaladas e outros esportes (PREFEITURA MUNICIPAL DE CHARQUEADAS, ASCOM, 2017).

Metodologia

A metodologia aplicada no desenvolvimento deste estudo, quanto aos objetivos, o trabalho constituiu-se de natureza descritivo-exploratória, com abordagem qualitativa. A coleta de dados se deu através de entrevista, sendo que o instrumento aplicado foi um questionário semiestruturado, aberto. Os dados foram analisados de forma interpretativa.

Foram entrevistados gestores públicos, personalidades políticas, funcionários públicos, produtores e agentes locais que atuem com história local, arte, cultura ou turismo, referente aos municípios da região Carbonífera.

As entrevistas foram realizadas do dia 11 de abril de 2019 ao dia 16 de abril de 2019, conforme horário prévio agendado com cada um dos respondentes, seguindo como base roteiro proposto para tal finalidade, sem, contudo, limitar-se somente ao mesmo. As entrevistas duraram, em média, 40 minutos. Foram efetuadas em órgãos públicos (Câmara de Vereadores, Prefeitura Municipal, outros prédios) e também em centros culturais privados.

Como forma de estabelecer parâmetros para pesquisa, utilizou-se o Escopo dos Setores Criativos da UNESCO (2010) para investigação da economia criativa como estratégia de crescimento e desenvolvimento na Região

Carbonífera. Os indicadores, segundo o Escopo da UNESCO (UNCTAD), são: a) PATRIMÔNIO: Natural e Cultural; b) ARTES: Espetáculo e Celebrações; Artes visuais e Artesanato; c) MÍDIAS: Audiovisual e Mídias Interativas; Livros e Periódicos; d) CRIAÇÕES FUNCIONAIS: Design e Serviços Criativos.

Resultados e discussão

Questionados sobre o potencial histórico-cultural da Região Carbonífera, os entrevistados citaram pontos turísticos e locais de visitação, além de festas e atividades culturais que são desenvolvidas ao longo dos anos na localidade.

Quadro 1: Percepção do potencial criativo conforme modelo da UNCTAD

Indicadores	Potencial histórico-cultural destacado
Patrimônio	Capela Santo Antônio, em Charqueadas Rio Jacuí Museu Estadual do Carvão, em Arroio dos Ratos Museu Farroupilha, em Triunfo Pluralidade Cultural existente na Região (ocupação inglesa, espanhola, africana, portuguesa)
Artes	Gincana Cultural Culto à Santa Bárbara Festejos tradicionalistas (Rodeio, Semana Farroupilha) Artesanato local Charque e comidas típicas (arroz de carreteiro, doces) Carvão
Mídias	Filmes desenvolvidos pela Fundação Cultural do entrevistado D
Criações Funcionais	Não foram citadas.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Questionados quanto à percepção que tinham em relação à valorização desses bens e serviços criativos, os entrevistados citaram que avaliam as ações criativas através da participação do público nos eventos promovidos ou ocupação desses espaços históricos patrimoniais. Um dos entrevistados citou que “poderiam ser melhor explorados e valorizados”. Ainda, uma das entrevistadas diz que percebe a importância da participação de grupos da comunidade nas ações de fomento, e o município deve atuar em parceria com as ONGs, grupos religiosos, entidades sociais a fim de ter um prisma amplo e assim, oportunizar práticas que são assertivas para um grande público e não para um grupo específico. Menciona que falta à Região apropriar-se da sua história, conhecer quem foram seus antepassados e esses caminhos constroem-se por meio da educação, o que vai ao encontro de Morelli-Mendes e Almeida (2016) ao destacar que:

[...] há duas maneiras para compreender o que é a cultura em economia da cultura. Antropologicamente, a cultura está ligada com a identidade e a identificação do indivíduo ou grupo. Já na perspectiva de negócios, os bens culturais podem ser produzidos como em uma indústria, tendo sua cadeia produtiva artesanal ou em larga escala, mas que no fim haja uma mercadoria, um produto cultural que seja negociável no sistema da economia (MORELLI-MENDES; ALMEIDA, 2016, p.197).

Diante disso, compreende-se que as políticas emancipatórias citadas por Cattani e Ferrarini (2010, p.166), permitem ocorrer transformações sociais, todavia essas “não ocorrem de forma espontânea e natural, é necessário explicitar o projeto subjacente, aprofundando o desejo utópico antecipador”.

Em relação às políticas públicas aplicadas no segmento cultural, os autores ressaltaram o importante papel que órgãos como o COREDE – Conselhos Regionais de Desenvolvimento, desempenham, com fins de articular e

mobilizar os gestores públicos e sociedade em prol de um projeto de desenvolvimento, valorizando a arte e cultura local. Ainda alguns municípios contam também com o apoio do Fundo Municipal de Incentivo à Cultura, que oportuniza um orçamento para desenvolvimento de ações locais de cultura e arte.

Os entrevistados ainda citaram que parcerias-público-privadas seriam preponderantes para o desenvolvimento regional, não dependendo somente do poder público, mas contando também com o envolvimento da sociedade civil através de conselhos de cultura.

Considerações Finais

Diante das informações apresentadas ao longo deste estudo, considera-se a importância do desenvolvimento local através da aplicação da Economia Criativa como base de fomento das economias regionais. Concluindo que economia criativa pode contribuir com o desenvolvimento de uma região, isto se dá no momento em que comunidades buscam reconhecer seu diferencial cultural e explorá-lo economicamente.

A partir das entrevistas junto aos produtores culturais, agentes públicos e/ou políticos entende-se que o financiamento público de ações e parcerias pública-privadas seriam preponderantes para desenvolver a economia criativa na Região Carbonífera. Através do fortalecimento do consórcio entre os municípios, já fazendo uso dos instrumentos hoje existentes (COREDE, AS-MURC) e fortalecimento de uma identidade regional através de políticas públicas com ênfase na educação e cultura regional, é possível promover o desenvolvimento local de modo a incentivar a visão sistêmica que a Economia Criativa oferece.



Referências

BRASIL. LEI Nº 11.771, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico; revoga a Lei no 6.505, de 13 de dezembro de 1977, o Decreto-Lei no 2.294, de 21 de novembro de 1986, e dispositivos da Lei no 8.181, de 28 de março de 1991; e dá outras providências. Brasília: DOU, 18.9.2008.

Rio Grande do Sul tem novo mapa turístico. 2016. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/6482-rio-grande-do-sul-tem-novo-mapa-tur%C3%ADstico.html>> Acesso em: 11 jun. 2018.

CATTANI Antonio David; FERRARINI, Adriane Vieira. Participação, desenvolvimento local e política pública: estratégias articuladas para a superação da pobreza. In: REV. KATÁL. Florianópolis v. 13 n. 2 p. 164-172 jul./dez. 2010.

CHEIDID, Samira. Você sabe o que é Economia Criativa? É possível um modelo de desenvolvimento pautado na criatividade? In: POLITIZE, 25 de outubro de 2017. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/economia-criativa/>> Acesso em: 18 jun.2018.

DALLA COSTA, Armando; SOUZA-SANTOS, Elson Rodrigo de. Economia criativa: novas oportunidades baseadas no capital intelectual. In: REVISTA ECONOMIA & TECNOLOGIA, v. 7, n. 2, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/ret/article/view/26832>> Acesso em: 2 jan. 2019.

FERREIRA, Victor Moura Soares. A Rede de Cidades Criativas da Unesco: uma perspectiva das cidades brasileiras. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7795/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Victor%20Moura%20Soares%20Ferreira%20-%202017.pdf>> Acesso em: 2 jan. 2019.

FIRJAN. Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal (IFDM). Disponível em: <<https://www.firjan.com.br/ifdm/>> Acesso em: 2 jan. 2019.

SENAI. Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil. In: Firjan, 2019. Disponível em: <<https://www.firjan.com.br/EconomiaCriativa/downloads/MapeamentoIndustria-Criativa.pdf>> Acesso em: 19 abr. 2019.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. A via sustentável-solidária no desenvolvimento local. In: ORGANIZAÇÕES & SOCIEDADE, v. 15, n. 45, p. 219-232, 2008. Disponível em: <http://rededegestoresecosol.org.br/wp-content/uploads/2016/03/artigo_a_via_sustentavel_solidaria_no_desenv_local_autor_genauto.pdf> Acesso em: 2 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). São Jerônimo: histórico. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/saojeronimo.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2018.

Estimativas da população residente para os municípios e para as unidades da federação. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=resultados>> Acesso em: 2 jan. 2019.

JUNQUEIRA, L.D.M. (2018). Cadeia Produtiva da Indústria Cultural Criativa: Possíveis Conexões com o Turismo Criativo. In: Revista Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade, 10(3),pp. 517-537, DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v10i3p517>.

KOBER, José Edimilson. Charqueadas de São Jerônimo. In: BLOG HISTÓRIA DE CHARQUEADAS, 17 de março de 2018. Disponível em: <<http://charqueadashistoria.blogspot.com/>> Acesso em: 20 jun. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia do trabalho científico. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MORELLI-MENDES, Cleber; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. O desenvolvimento da economia criativa no Brasil: uma perspectiva através da indústria cinematográfica brasileira. In: Verso e Reverso, 30(75):196-207, setembro-dezembro 2016 Unisinos – doi: 10.4013/ver.2016.30.75.04.

NÚÑEZ, Tarson. A economia criativa do RS: estimativase potencialidades. In: Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 93-108, 2016.

PORTAL DE NOTÍCIAS. Municípios organizam mapa turístico da região Carbonífera: Iniciativa via a inclusão das cidades da Carbonífera no Programa Nacional de Regionalização do Turismo. In: PORTAL DE NOTÍCIAS, 19/05/2017. Disponível em: <<https://www.portaldenoticias.com.br/noticia/1949/municipios-organizam-mapa-turistico-da-regiao-carbonifera.html>> Acesso em: 11 jun. 2018.

PREFEITURA DE SÃO JERÔNIMO. Turismo. Disponível em: <<http://www.saojeronimo.rs.gov.br/index.php/component/content/category/11-o-municipio>> Acesso em: 20 jun.2018.

RIO GRANDE DO SUL. LEI N.º 13.839, de 5 de dezembro de 2011. Institui a Política Estadual de Fomento à Economia da Cooperação, cria o Programa de Cooperativismo, o Programa de Economia Popular e Solidária, o Programa Estadual de Fortalecimento das Cadeias e Arranjos Produtivos Locais, o Programa Gaúcho de Microcrédito e o Programa de Redes de Cooperação, e dá outras providências. Porto Alegre: DOE, 2011.

Regionalização Turística. Disponível em: <<https://sedactel.rs.gov.br/regionalizacao-turistica>> Acesso em: 09 jan. 2019.

SANTOS, Rudney Aminadab. Crescimento Municipal Comparado: os casos de Charqueadas e São Jerônimo, 1985-2006. Dissertação Mestrado em Economia do Desenvolvimento. Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia, PUCRS. Porto Alegre, 2009.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira; et al. Economia Criativa: questões sobre o processo criativo. In: Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v.13, n.16, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/16392/pdf>> Acesso em: 2 jan.2019.

PREFEITURA DE SÃO JERÔNIMO. Turismo. Disponível em: <<http://www.saojeronimo.rs.gov.br/index.php/component/content/category/11-o-municipio>> Acesso em: 20 jun.2018.

SEBRAE. Economia Criativa. In: SEBRAE, 2018. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/segmentos/economia_criativa/como-o-sebrae-atua-no-segmento-de-economia-criativa,47e0523726a3c510Vgn-VCM1000004c00210aRCRD> Acesso em: 18 jun. 2018.

SILVA, Denise Rejane Mello da. Economia da cultura e cidades criativas: uma abordagem do centro histórico de Porto Alegre. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Curso de Ciências Econômicas. 2010.

UNESCO. Relatório de economia criativa 2010: economia criativa uma opção de desenvolvimento. Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc; São Paulo: Itaú Cultural, 2012.

VALIATI, Leandro; MOLLER, Gustavo (Orgs.). Economia criativa, cultura e políticas públicas. Porto Alegre: UFRGS/CEGOV, 2016.

WERLANG, Álvaro; TRAININI, Marco Miller. Plano Estratégico de Desenvolvimento Regional da Região Centro-Sul 2015-2030. São Jerônimo, RS: Fotografica, 2017.